

<http://amazoniareal.com.br/desinformacao-no-eia-de-belo-monte-6-coca-cola-versus-guarana/>



Colunas

Desinformação no EIA de Belo Monte: 6 – Coca-Cola versus Guaraná

Philip Martin Fearnside

26/06/2017 17:25

Outra contribuição das barragens ao aquecimento global vem da madeira da floresta que é inundada. Isto representa um estoque substancial de carbono que leva a uma emissão de CO₂ pela decomposição das árvores mortas que projetam fora da água. Esta emissão de CO₂ se soma ao grande pulso de produção de metano pela decomposição abaixo da água das folhas que caem dessas árvores. A Hidrelétrica de Balbina é o pior exemplo, com um grande reservatório raso que gera pouca energia.

O reservatório de Balbina tem aproximadamente 3.300 ilhas [1], aumentando o impacto na floresta e também formando milhares de baías com água parada. A hidrelétrica tem mais impacto que a geração da mesma energia com combustível fóssil [2]. Embora um grupo do Canadá já havia identificado hidrelétricas naquele país como fontes de gases de efeito estufa dois anos antes [3], foi a minha publicação de 1995 que provocou uma reação ferrenha da indústria hidrelétrica no mundo inteiro, inclusive no Brasil.

A Associação de Energia Hidrelétrica dos E.U.A. chamou a ideia de uma “asneira” (ver [4]). Mas as outras barragens amazônicas também permanecem piores que combustíveis fósseis durante muitos anos, como no caso de Tucuruí, Samuel e Curuá-Una [5, 7]. O então presidente da ELETROBRÁS me atacou como sendo sujeito às “tentações” dos lobbies nucleares e de termoelétricas [8], e de estar apenas fazendo “reivindicações políticas” ([9]; ver respostas: [10, 11]). Lançou a seguinte explicação do fenômeno:

“Embora ele [Fearnside] selecionou a Coca-Cola como exemplo, que é altamente simbólico de sua maneira de pensar, pois ele podia igualmente bem ter escolhido o guaraná – um refrigerante que é muito popular no Brasil, aromatizado com bagas amazônicas. É mais fácil ver as bolhas, pois o guaraná é transparente, enquanto a Coca-Cola é escura. As pessoas no Brasil muitas vezes se sentam em torno de uma mesa para conversar enquanto bebem, com as garrafas abertas e os copos cheios durante meia hora ou mais, sem perder completamente as bolhas. Em vez de fast food, o costume brasileiro é uma bebida relaxante.” [9].

Isto é a origem do termo “fizzy science” (“ciência efervescente”), com referência ao barulho que as bolhas fazem quando saem de um refrigerante. “Fizzy Science” é o título da publicação de International Rivers (uma ONG ambientalista) sobre o papel de conflitos de interesse da indústria hidrelétrica em pesquisa sobre as emissões das barragens [12].[15]

NOTAS

[1] Feitosa G.S., Graça P.M.L.A. & Fearnside P.M. (2007) “Estimativa da zona de deplecionamento da hidrelétrica de Balbina por técnica de sensoriamento remoto” In Epiphanyo, J.C.N. Galvão L.S. & Fonseca L.M.G. (eds.) *Anais XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Florianópolis, Brasil 21-26 abril 2007*. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), São José dos Campos, São Paulo. pp. 6713–6720.
<http://marte.dpi.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.13.15.55/doc/6713-6720.pdf>

[2] Fearnside, P.M. (1995) “Hydroelectric dams in the Brazilian Amazon as sources of ‘greenhouse’ gases” *Environmental Conservation* 22(1) 7-19. doi: 10.1017/S0376892900034020

[3] Rudd J.W., Harris M., Kelly C.A. & Hecky R.E. (1993) “Are hydroelectric reservoirs significant sources of greenhouse gases?” *Ambio*, 22 246-248.

[4] IRN (International Rivers Network) (2002) “Flooding the land, warming the Earth: Greenhouse gas emissions from dams” IRN, Berkeley, California, E.U.A. 18 pp. <http://www.ircwash.org/sites/default/files/McCully-2002-Flooding.pdf>

[5] Fearnside P.M. (2005) “Brazil’s Samuel Dam: Lessons for hydroelectric development policy and the environment in Amazonia” *Environmental Management*, 35(1) 1-19. doi: 10.1007/s00267-004-0100-3

[6] Fearnside P.M. (2005) “Do hydroelectric dams mitigate global warming? The case of Brazil’s Curuá-Una Dam” *Mitigation and Adaptation Strategies for Global Change*, 10(4) 675-691. doi: 10.1007/s11027-005-7303-7

- [7] Fearnside P.M. (2002) “Greenhouse gas emissions from a hydroelectric reservoir (Brazil’s Tucuruí Dam) and the energy policy implications” *Water, Air and Soil Pollution*, 133(1-4) 69-96. doi: 10.1023/A:1012971715668
- [8] Fearnside P.M. (2004) “Greenhouse gas emissions from hydroelectric dams: Controversies provide a springboard for rethinking a supposedly ‘clean’ energy source” *Climatic Change*, 66(1-2) 1-8. doi: 10.1023/B:CLIM.0000043174.02841.23
- [9] Rosa L.P., dos Santos M.A., Matvienko B., Sikar E. & dos Santos E.O. (2006) “Scientific errors in the Fearnside comments on greenhouse gas emissions (GHG) from hydroelectric dams and response to his political claiming” *Climatic Change*, 75(1-2) 91-102. doi: 10.1007/s10584-005-9046-6
- [10] Fearnside P.M. (2004) “Greenhouse gas emissions from hydroelectric dams: Controversies provide a springboard for rethinking a supposedly ‘clean’ energy source” *Climatic Change*, 66(1-2) 1-8. doi: 10.1023/B:CLIM.0000043174.02841.23
- [11] Fearnside P.M. (2006) “Greenhouse gas emissions from hydroelectric dams: Reply to Rosa et al.” *Climatic Change*, 75(1-2) 103-109. doi: 10.1007/s10584-005-9016-z
- [12] McCully P. (2006) “Fizzy science: Loosening the hydro industry’s grip on greenhouse gas emissions research” International Rivers Network, Berkeley, California, E.U.A. 24 pp.
<http://www.irn.org/pdf/greenhouse/FizzyScience2006.pdf>.
- [13] Fearnside P.M. (2017) “Planned disinformation: The example of the Belo Monte Dam as a source of greenhouse gases”. In: Liz-R. Issberner & P. Lena (eds.) *Brazil in the Anthropocene: Conflicts between Predatory Development and Environmental Policies*. Routledge, Taylor & Francis Group, New York, E.U.A., pp. 125-142.
- [14] Fearnside P.M. (2012) “Desafios para midiaticização da ciência na Amazônia: O exemplo da hidrelétrica de Belo Monte como fonte de gases de efeito estufa” In Fausto Neto A. (ed.) *A Midiaticização da ciência: Cenários, desafios, possibilidades*, Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB), Campina Grande, Paraíba. pp. 107-123.
- [15] Este texto é traduzido e atualizada de [13], que foi adaptado de [14]. As pesquisas do autor são financiadas pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq: proc. 304020/2010-9; 573810/2008-7), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM: proc. 708565) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA: PRJ15.125).

Leia os artigos da série:

[Desinformação no EIA de Belo Monte: 1 – Resumo da série](#)

[Desinformação no EIA de Belo Monte: 2 – Barragens como a “única opção”](#)

[Desinformação no EIA de Belo Monte: 3 – A energia que “precisamos”](#)

Desinformação no EIA de Belo Monte: 4 – Barragens como “energia limpa”

Desinformação no EIA de Belo Monte: 5 – A “Fábrica de metano”

Philip M. Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências e também coordena o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) dos Serviços Ambientais da Amazônia. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 500 publicações científicas e mais de 200 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis neste [link](#).